

Vilas de palafitas resistem à urbanização

Abrigo miserável que se equilibra sobre estacas no mangue, a palafita oferece prazeres que acabam criando hábitos em seus moradores

CRISTINA D'ÁVILA

As pequenas vilas de palafitas ainda sobrevivem na Grande Vitória. A pinguela é a porta de entrada para se chegar a esses cantinhos na periferia. A ponte feita com pedaços de madeira segue do beco até a porta do último morador. Cristiano Luiz Pereira tem o privilégio de pescar debruçado na janela da casa, numa tarde de sol. É que os barracos ali estão plantados dentro d'água. As moradias, desengonçadas, se equilibram sobre estacas no mangue.

A urbanização das cidades reduziu o espaço dessas favelas de barracos, cada vez mais escondidas nos fundos das ruas e dos becos dos bairros de baixa renda. O aterro avança sobre o mangue. E muitos desses moradores estão deixando de flutuar sobre as águas para morar num pedaço de terra firme.

Na Favela da Maré, em Santo Antônio, dona Alvina Xavier, 73 anos, é uma das mais antigas moradoras do lugar. Há 19 anos, a viúva deixou a fazenda onde plantava café, em Boa Esperança, em companhia de seus seis filhos pequenos, para tentar a vida na Capital.

TELEFONE – Graças às lavagens de roupa para fora e ao trabalho como empregada doméstica, dona Alvina sustentou a família. A chegada do aterro foi um estímulo para transformar a palafita dela numa casa de alvenaria. “Não troco esta tranquilidade por nenhum lugar. Deus mora

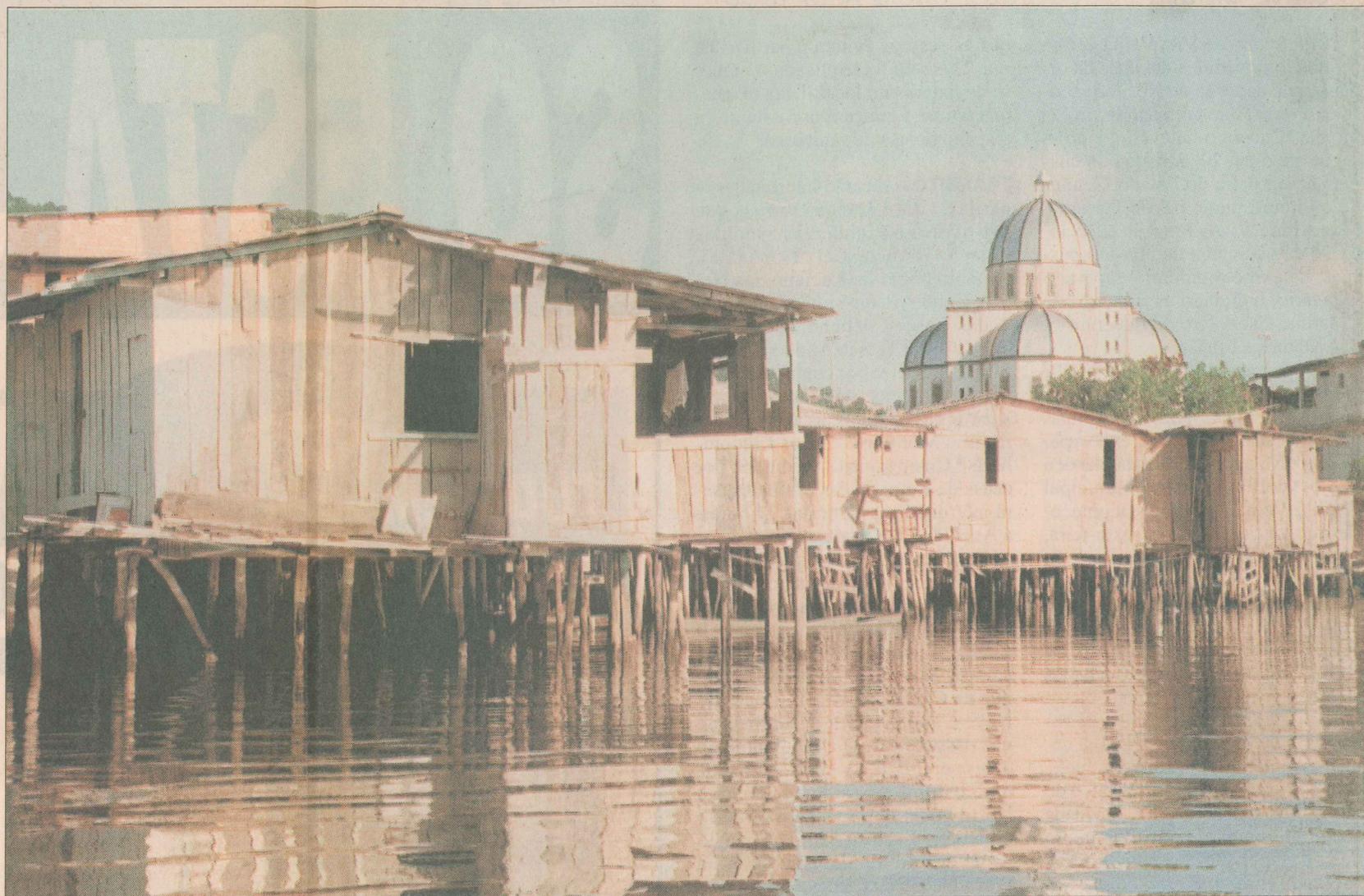
aqui com a gente”, acredita a mulher.

Três dos filhos de Alvina são hoje vizinhos dela. Valdir, 45 anos, um deles, já tem até telefone instalado em casa. A metade do barraco dele já exhibe a varanda e os primeiros cômodos em alvenaria, enquanto o restante ainda é de tábua.

A vida numa palafita é sinônimo de dificuldades. Valdenir Mendes da Silva, 30 anos, outro filho de dona Alvina, não esquece o tombo que ele e o irmão Otacílio levaram da pinguela, quando carregavam um guarda-roupa, de três portas, nas costas, até a casa da mãe. “A tábua da passarela não resistiu ao peso e fomos parar dentro do mangue”, lembra o gari, rindo. Por sorte, o armário conseguiu ser recuperado. Mas, em matéria de acidentes, as crianças são as mais vulneráveis.

CANOAS A REMO – A palafita é um abrigo miserável. Mas a vida nesses barracos consegue oferecer pequenos prazeres a seus moradores. A liberdade de poder passear e pescar nas canoas a remo; dormir com as janelas abertas ou observar o movimento das tainhas na água, pela fresta do piso do barraco, quando a maré abaixa.

Valdemar Conceição de Oliveira, 72 anos, mora há 22 anos dentro do mangue em Vitória. “Já criei raiz aqui, não quero sair. Aqui todos se respeitam”, conta o velho pescador baiano, de Ilhéus. A família dele, com nove pessoas – cinco delas crianças –, sobrevive no barraco de seis cômodos.



CONDIÇÃO

Na Favela da Maré, a proximidade do bairro Santo Antônio faz o local ainda mais conveniente, com comércio bastante variado e ônibus quase na porta

Desconforto marca a vida nessas moradias

O preconceito ronda quem vive nas áreas de palafitas. Na escola, as crianças são alvos de deboche. A Polícia não respeita a privacidade dos moradores durante as batidas à procura de bandidos. Os mosquitos são problemas, geralmente. E o vaso sanitário nos banheiros de muitas dessas moradias vira um artigo de luxo.

Os moradores das palafitas se mantêm hoje com os serviços oferecidos da cidade. A distância dos barcos da rua calçada, ônibus, mercearia, creche, escola, igreja, açougue e quilão ficou menor. Isso facilitou a entrega das compras de supermercados, a chegada da botija de gás e da ambulância. Grande parte dessas moradias já tem água tratada da Cesan e até energia elétrica da rede da Escelsa – embora os “gatos” proliferem nesses recantos.

BANHO DE ESGOTOS – Mas a falta de uma área de lazer perto de Mangue Seco, em Joana D’Arc, leva os irmãos Leonardo, 14 anos, e Melquisedeque dos Santos Belo, 15 anos, e seus amigos a saltarem de um trampolim improvisado. “Não me importo com os esgotos”, explica Leonardo. Para Melquisedeque, o vento fresco permanente no lugar é uma vantagem que dispensa o uso de ventilador ou ar condicionado.

A batida dos policiais, na última quarta-feira, no barraco dos irmãos Leonardo e Melquisedeque, irrita os garotos. “Entram como se estivessem na casa deles. Pensam que quem mora no mangue é bandido”, denunciam os dois. Leonardo gostaria de sair do mangue para morar em São Paulo, numa casa comum, onde sonha estudar teatro. O ídolo dele no momento é o protagonista do premiado **Titanic**, Leonardo Di Caprio.

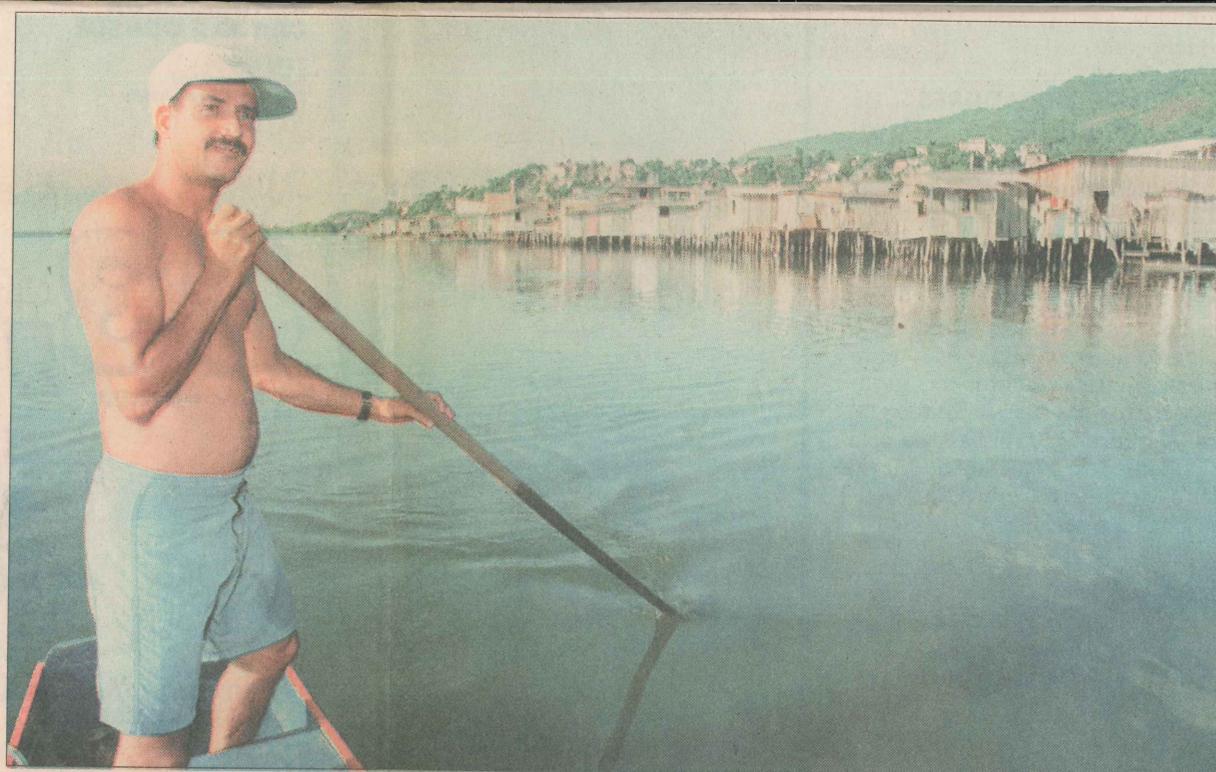
A auxiliar de limpeza Nilza dos Santos Ventura, 47 anos, foi morar numa palafita para fugir do aluguel,

de R\$ 60,00, do Bairro Santa Marta. Esta baiana, de Argolo, ainda não se acostumou com o “sufoco” que é viver num barraco. “Ainda tenho medo da casa desabar. Os mosquitos, às vezes, não me deixam dormir, e o mau cheiro de esgoto e dos animais mortos, jogados no mangue, também são insuportáveis.

CARANGUEJO NO SOFÁ – Quando chove, dona Nilza usa uma bacia para conter a água da goteira que molha sua estante. Outro dia ela reagiu aos gritos, quando foi surpreendida com um caranguejo, subindo pelo sofá. No banheiro, o vaso sanitário é substituído por um buraco quadrado no piso de madeira, onde as fezes e a urina caem direto no mangue.

O ajudante de pedreiro Manoel Alves da Cruz Conceição, 31 anos, de Mangue Seco, também mora na palafita para fugir do valor do aluguel há alguns anos. Baiano, de Nova Viçosa, ele conta que o arrombamento de seu barraco lhe rendeu o nome sujo no Serviço de Proteção ao Crédito (SPC). Os ladrões levaram a TV em cores e o aparelho de som, que Manoel sequer tinha acabado de pagar. Ele pensa em deixar o mangue, mas vê a proximidade do local onde vive como uma vantagem. “Se a Prefeitura aterrasse, colocasse luz e cobrasse uma taxa, pagaria”, sugere.

Em 1º de Maio, Vila Velha, nas poucas palafitas que ainda restam no Rio Aribiri, o casal Luciano Pereira do Carmo, 22 anos, e Ábia Moreira da Silva, 25 anos, mora num barraco com um bebê de apenas 15 dias e um garoto de três anos. Preocupados com a saúde do neném, o casal pensa em alugar uma casa fora dali. “Não agüentamos o mau cheiro”, confessam, enquanto uma fralda do recém-nascido usada é jogada pela varanda do barraco.



ACIDENTE

Valdenir recorda, com bom humor, uma queda que levou da pinguela, quando carregava um guarda-roupa

Sérgio Cardoso



RAÍZES

‘Seu’ Valdemar e ‘dona’ Conceição estão há 22 anos no mangue e não querem sair: ‘Aqui todos se respeitam’

Sérgio Cardoso

Prefeitura quer remover cerca de 300 famílias

Pelo menos 300 famílias que hoje moram em palafitas nos bairros Santo Antônio, Joana D’Arc e Maria Ortiz, em Vitória, serão removidas para áreas desapropriadas pela Prefeitura. A secretária da Ação Social Wania Malheiros disse que sua pasta defende a doação de moradias, mas o prefeito Luiz Paulo Vellozo Lucas ainda não avaliou o assunto.

A transferência dos moradores ainda não foi discutida com as comunidades, o que tem gerado preocupação. No Bairro Santo Antônio está concentrado o maior número de famílias a serem removidas – 150 ao todo. Joana D’Arc aparece em segundo lugar, com 120, e Maria Ortiz, com 30 famílias.

ROTA MANGUEZAL – Só os dois primeiros bairros estão incluídos dentro do Projeto Terra, cujo objetivo é urbanizar áreas carentes. Mas todos os moradores serão removidos para espaços ainda não ocupados no interior dos próprios bairros, onde o município pretende construir vilas.

Na Ilha das Caieiras, as 50 moradias, erguidas dentro do mangue, não serão derrubadas. Wania Malheiros explica que estas casas de alvenaria já estão consolidadas. Os proprietários serão estimulados a contrair financiamento, a baixo custo, para oferecer um tratamento paisagístico mais agradável aos olhos dos visitantes.

Um edital de licitação, já publicado pela PMV, vai selecionar uma empresa para demarcar áreas de mangue. O tipo de construção das novas casas ainda não está definido. Na Ilha das Caieiras, porém, existe um projeto de fazer a Vila das Tradições, para abrigar 40 famílias – incluindo algumas da Região da Grande São Pedro. Os sobrados terão um comércio na parte baixa e residência no segundo piso. As áreas vazias nos bairros ainda estão sendo mapeadas. As famílias das regiões de palafitas de Vitória, em média, tem renda de até dois salários mínimos.